

VOLTA AO MUNDO

1.

Voltemos a isto, à contagem dos erros na soma do mundo, à impotência do riso contra tudo o que não sabemos mudar: a morte, o egoísmo, o levadiço coração humano. Porque não há mais nada (ok, há o amor – vai-te foder) e no mercado do juízo a catequese está em alta. Regressemos à toada desta fábrica de luz defeituosa, intermitente como a vida. Se não há melhor emprego para a culpa e os domingos custam dias a passar.

2.

Mas que resta para ver ou comentar
nesta cadeia de penúrias, perguntas,
recordando como tudo já foi dito
vinte vezes por cabeça e repetir
repetições é engodar ritualmente
uma ilusão atraídoada pelos factos.

Não o nego. Mas na raia do discurso
o movimento, reconhece, é mais alegre
e nada passa sem pagar alguma taxa
de sentido. O silêncio é primitivo,
desumano, e faz da vida uma proeza
bocejante, muito pouco pessoal.

Além disso, quem na poesia busca
o acicate dum lamento ou esconjuro,
tem direito certamente à inestética
dum «foda-se» canoro quando a sanha
do martelo lhe rebenta no verniz,
escurecendo com o dedo o mundo todo.

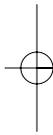
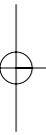
Que querias, que calasse o prejuízo
na laroca dum esgar arranjadinho,
decoroso? Que diabo, mas será que
só os ricos é que podem vestir mal?

3.

Não sei que horas são no teu relógio.
No meu é cedo/tarde – está parado
vai fazer uns vinte anos. Não importa,
pois as coisas vão e vêm, e de novo

se levanta o mês de Março nesta era
da ironia, com seus truques estafados
e promessas desfolhantes. Juntamente,
tudo passa e tudo volta, mas diverso.

Só por isso, justamente, tem piada
estar aqui, abrir os olhos, conferir
ainda e sempre, na vitrina da manhã,
a produção da Primavera.



II

Via dei Malcontenti Ou Ascensão e Oclusão do Indivíduo